

EXPECTATIVAS
DOS EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS

2004-2006

Informação produzida a partir
de um painel experimental de produtores

MARIA DO SOCORRO ROSÁRIO

Índice

INTRODUÇÃO	6
1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PAINEL DE EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS	9
2. EVOLUÇÃO DAS EXPECTATIVAS NO PERÍODO DE 1996 A 2004	11
3. EXPECTATIVAS PARA 2004-2006	13
3.1. INTENÇÕES DE CURTO PRAZO PARA A MODIFICAÇÃO DA EMPRESA	13
3.2. O SENTIDO DAS ESTRATÉGIAS DE MÉDIO PRAZO	16
3.3. A OBTENÇÃO DE RENDIMENTOS NÃO AGRÍCOLAS	19
3.4. A CONJUNTURA AGRÍCOLA EM 2004	22
3.5. PERSPECTIVAS DE MÉDIO PRAZO PARA A SITUAÇÃO PROFISSIONAL NA AGRICULTURA.....	25
3.6. PRINCIPAIS DIFICULDADES SENTIDAS PELO AGRICULTOR	28
CONCLUSÕES	33

Resumo

A informação sobre expectativas dos empresários agrícolas foi obtida através de entrevistas directas e pessoais realizadas junto de 1048 produtores aderentes à Rede de Informação de Contabilidades Agrícolas (RICA). Foram seleccionados cerca de 84% dos efectivos daquele sistema com base em critérios de conveniência, como a disponibilidade e o interesse pelo tema, tendo em vista representar diversos segmentos da agricultura nacional.

As entrevistas realizadas centraram-se no mês de Dezembro de 200. Esta informação foi analisada após a integração de informação proveniente da Base de Dados RICA das empresas relativas ao último exercício económico disponível (2002).

Da avaliação prosseguida, constata-se que a generalidade dos empresários agrícolas se encontra expectante, sem manifestar grande motivação para introduzir alterações no sistema de produção a curto (84.7%) ou a médio prazo (81.1%), similar ao dos anos anteriores.

Por seu turno, as intenções de modificação do sistema de produção em 2004 reduzem-se a cerca de 15.3% dos inquiridos, com 4.1% e 11.2% dos mesmos, respectivamente, em processos de diminuição e de aumento da actividade das empresas e essa perspectiva, a médio prazo, aumenta nas situações activas para 18.9%, com aumento da manutenção, diminuição de intenção de expansão com 9.9%, e valor semelhante para a retracção, dobro da situação de curto prazo.

Cerca de 81.8% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola próprio com outras fontes. No entanto, 15.7% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 2.5% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa.

Na opinião dos inquiridos, a expectativa relativa ao ano de 2004 assemelha-se à do ano de 2003, com um ligeiro desagravamento das tendências pessimistas para a generalidade dos produtores inquiridos - as opções “pior”, “igual” e “melhor” congregaram 46.8%, 45.3% e 7.9% dos empresários, respectivamente.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 61.5% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional; 27.4% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 11.1% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro.

As dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global da actividade das empresas foram as mais referenciadas pelos inquiridos (58% das respostas); em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto de dificuldades, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (20% das respostas).

Abstract

The information on farmers' expectations was obtained through direct and personal interviews to 1048 farmers within the Farm Accountancy Data Network (FADN). Eighty four percent of the farmers subscribing this system were selected based on convenience criteria, such as availability and interest on the subject, with a view to portray different segments of the Portuguese agriculture. The interviews took place in December 2003..

This information was analysed following the integration of data regarding the latest financial year available (2002) for farms within the FADN Data Base.

This analysis revealed that most farmers are in expectation, revealing no great motivation to introduce changes in their production systems in the short (84.7%), or medium term (81.1%), a situation similar to that of the previous years.

Intentions to change the production system in 2004 corresponded to only 15.3% of the interviewees, 4.1% of which are reducing their farming activity, whereas 11.2% are increasing such activity. In the medium term, this expectation increases to 18.9% for active situations, whereas positive intentions move down to 9.9%.

Approximately 81.8% of the farmers do not intend to complement their farm income with income from other sources. Only 15.7% of the farmers are willing to resort to off-farm income sources and 2.5% of the contacted farmers consider developing supplementary income sources within the farm.

According to the interviewees, expectations for 2004 are similar to those for 2003, with a slight increase in pessimistic trends – the options “worse”, “similar” and “better” accounted for 46.8%, 45.3% e 7.9% of the farmers, respectively. As regards expectations for the farming activity for the next 2 to 3 years, 61.58% are convinced that in the near future their professional situation will deteriorate, 27.4% believe their situation will remain the same, whereas only 11.1% regard their professional future with optimism.

The difficulties resulting from the Global Economic Framework for the farming activity were the most often referred by the interviewees (58%); Farms' Structural Hindrances followed at a distance (20%).

Introdução

O tempo é de mudança! Ouviu-se com alguma insistência, mas essa mudança não aconteceu. As políticas já mostraram e manifestaram as direcções a seguir, apesar de ainda não terem entrado em vigor.

As poucas informações existentes e divulgadas, rapidamente foram ultrapassadas por outras antagónicas; afinal, ainda não era a altura certa nem o momento apropriado para se dar essa modificação.

Contudo esse sentido de alteração já induzido, pode ser observado nos agricultores? Será que já está traduzido em tendências? Será que já há algum sinal da mudança? São essas aproximações que queremos saber neste estudo sobre as expectativas do empresário agrícola.

Estas expectativas, para 2004-2006, indicam-nos as tendências a curto e médio prazo, das dimensões e desempenhos por parte do empresário agrícola na sua empresa, a sua relação com a terra, a busca de outros rendimentos complementares, as motivações relativas à conjuntura actual e agrícola, o seu enquadramento profissional a médio prazo e dos acontecimentos que ocorrem no sector agrícola.

Este trabalho apresenta informação relativa às expectativas registadas por uma amostra de empresários agrícolas, inquirida desde 1996 e que se realiza anualmente. A inquirição é feita pelos técnicos do Ministério da Agricultura do Desenvolvimento Rural e das Pescas - MADRP, afectos ao sistema Rede de Informação de Contabilidades Agrícolas - RICA. Estes contactam frequentemente os empresários agrícolas aderentes ao sistema, estando especialmente vocacionados para transmitir os mais complexos argumentos dos inquiridos em questão.

Os dados são provenientes de uma sub-amostra do painel RICA, que foi orientada por conveniência, para melhor representar os diversos segmentos da agricultura.¹ Sublinhe-se que o interesse pelo tema e a disponibilidade para colaboração constituindo condição de selecção foram factores determinantes na qualidade das respostas conseguidas. Neste quadro é sempre oportuno lembrar o esforço de todos os técnicos envolvidos nas diversas Regiões Agrárias que participaram para o bom desenvolvimento desta linha de trabalho.

¹ No âmbito do sistema de informação RICA, o plano de amostragem realizado assegura a representatividade dos campos de observação dos inquéritos à estrutura das explorações agrícolas, no âmbito do Sistema Estatístico Nacional nas diversas localizações, orientações técnico-económicas e dimensão económica.

1. Principais características do painel de empresários agrícolas

A informação obtida relativamente às expectativas para 2004-2006 decorreu de entrevistas directas e pessoais a produtores que integram o painel de explorações agrícolas da RICA (cerca de 84% das observações). As entrevistas realizaram-se no mês de Dezembro de 2003 prolongando-se para o mês seguinte.

As variáveis de estratificação e de caracterização da amostra compreendem designadamente, a *Idade do Produtor*, a *Superfície Agrícola Utilizada (SAU)* da exploração, a sua *Dimensão Económica (UDE)* e a *Orientação Produtiva (OTE* - de acordo com a Tipologia das Explorações Agrícolas, Sistema Estatístico Europeu), o *Nível de Rendibilidade* da empresa e a *Região Agrária* na qual está localizada.

As observações trabalhadas distribuem-se, segundo os critérios referidos, da forma apresentada na Figura 1 e Quadros 1.1 a 1.6. A distribuição do painel por Região Agrária, para além das intenções traçadas no seu delineamento, reflecte também a aderência das estruturas regionais a esta iniciativa de trabalho.

A distribuição das empresas por Orientação Produtiva denota uma representação particular dos sistemas de pecuária - Bovinos e plantações de Culturas Permanentes (Vinha, Olival e Pomares); por Dimensão Económica da actividade das explorações, verifica-se uma concentração das observações nas classes de dimensão média/média grande.

A amostra trabalhada contém uma representação dos diferentes Grupos Etários considerados, variando de 27% dos efectivos na classe superior a 60 anos até um máximo de 30% das observações no grupo etário com idade entre os 40 e 50 anos, sendo assim a variável que apresenta a maior flutuação das diversas classes, de um ano para o outro.

Na Superfície Agrícola Utilizada há uma concentração nas classes com pequena ou pequena/média área. Cerca de 63% das observações são constituídas por empresas com menos de 20 ha de Superfície Agrícola Utilizada, integrando o painel 18% de empresas com mais de 50 ha de área agrícola.

**Quadros 1.1 a 1.6 - Distribuição das Observações do ‘Painel Expectativas’
Segundo Principais Características**

Quadro 1.1- Região Agrária

	Nº exp.	%	Rga 99(%)
Entre-Douro e Minho	180	17	22
Trás-os-Montes	182	17	16
Beira Litoral	089	9	14
Beira Interior	31	3	7
Ribatejo e Oeste	131	13	19
Alentejo	173	17	8
Algarve	53	5	5
Madeira	57	5	3
Açores	152	15	5
Total	1048	100	100

Rga 99-Recenseamento Geral Agrícola 1999 (% sem as explorações com menos de 2UDE)

Quadro 1.2- Orientação Produtiva

	Nº exp.	%	Rga 99(%)
Culturas Arvenses	92	9	10
Horticultura	91	9	5
Cult. Permanentes	256	24	41
Bovinos	307	29	10
Ovinos	69	7	8
Policultura	116	11	12
Agro-pecuária	106	10	13
Pecuária sem terra	11	1	2
Total	1048	100	100

Quadro 1.3 – Dimensão Económica

	Nº exp.	%	Rga(99%)
Pequenas	145	14	43
Pequenas/médias	162	16	27
Médias	273	26	15
Médias Grandes	326	31	10
Grandes	142	14	5
Total	1048	100	100

Quadro 1.4- Grupo Etário

	Nº exp.	%
<= 40 anos	226	22
40 a <=50 anos	319	30
50 a <=60 anos	222	21
> 60 anos	281	27
Total	1048	100

Quadro 1.5- Superfície Agrícola Utilizada

	Nº exp.	%
Pequena	256	24
Pequena/média	404	39
Média	201	19
Média/grande	187	18
Total	1048	100

Quadro 1.6 - Nível de Rendibilidade

	Nº exp.	%
Fraco	70	7
Médio	239	23
Elevado	739	70
Total	1048	100

No que se refere à distribuição do painel pelos três níveis de Rendibilidade considerados (Rendibilidade Global dos Factores² observada em 2002), verifica-se que cerca de 23% da amostra se situa na classe média de nível de remuneração média dos factores (o que, em si, traduz nível aceitável/fraco, de rendimento em termos absolutos), pertencendo 7% das observações à classe não rendível e 70% ao conjunto da classe de rendibilidade alta, frequências bastante diferentes das encontradas no ano anterior.

² Rendimento global dos factores é o rendimento resultante do produto bruto da exploração dividido por todos os encargos variáveis, fixos e atribuídos

2. Evolução das expectativas no período de 1996 a 2004

Com a informação recolhida em anos anteriores, é possível observar a evolução verificada nas expectativas dos produtores contactados nas diversas operações, com o objectivo de enquadrar a tendência observada nos nove anos do trabalho. Apesar do painel se alterar de um ano para o outro, identificaram-se 226 produtores no conjunto das nove operações.

Desta forma é possível trabalhar os dados de forma agregada, relativamente a questões menos abertas. Para tal, foram utilizados os apuramentos da questão colocada relativamente ao "*futuro (2/3 anos) da profissão de agricultor*", uma vez que esta será, muito provavelmente, aquela que melhor representará a percepção que cada um dos inquiridos possui relativamente ao seu futuro como profissional da agricultura. A posição de cada empresário face à questão colocada foi tratada como pergunta de resposta fechada, prevendo-se as hipóteses "*melhor*", "*igual*" e "*pior*". A evolução verificada contém transferências de posição ao longo do período, em vários sentidos.

Quadro 2.1-Evolução das expectativas a Médio Prazo de 1996 a 2004

Tendência	1996		1997		1998		1999		2000		2001		2002		2003		2004	
	n°exp	%	n°exp	%	n°exp	%	n°exp	%	n°exp	%	n°exp	%	N°ex	%	n°exp	%	n°exp	%
Pessimista	115	51	131	58	142	63	158	70	148	66	155	69	167	74	169	75	171	76
Expectante	68	30	67	30	66	29	55	24	63	28	57	25	53	24	47	21	46	20
Optimista	43	19	28	12	18	8	13	6	15	7	14	6	6	3	10	4	9	4
Total	226	100	226	100	226	100	226	100	226	100	226	100	226	100	226	100	226	100

As atitudes expectantes constituíram um posicionamento com alguma oscilação ao longo deste período (manutenção em 97, diminuindo 1% em 98, menos 5% em 1999 e aumentando 4% em 2000, voltando a diminuir 3% em 2001, menos 1% em 2002, menos 3% em 2003 e menos 1% em 2004. Em termos do conjunto de inquiridos, o "*grupo expectante*" representa entre 20% e 30% do total de inquiridos para os vários anos. Essa manutenção de uma posição relativa resulta da conjugação de diversos factores: dos empresários que mantiveram as suas posições (os quais representam 48.5%, 43.3%, 43.9%, 52.7%, 44.4%, 45.6%, 39.6% e 44.7% nos levantamentos consecutivos) e

também, da alteração de opinião do "*grupo pessimista*" (em 1997, deslocaram-se para esta posição 20.9% dos inquiridos, de 19.8% em 1998, 15.5% em 1999, 19.0% em 2000 e nos quatro anos seguintes cerca de 16.9, 12.9, 13.8 e 14.2%). Apesar de participar com valores mais baixos, o "*grupo optimista*" contribuiu com percentagens mais elevadas como 23.3% em 1997, 16.7% em 1998, 22.2% em 1999, 30.8% em 2000, 26.7% em 2001 e 50.0% para 2002 e 2003 e apenas 10.0% no último ano.

O pessimismo assume neste período valores crescentes entre 51% e 76% dos inquiridos, (cresce 7% no ano de 1997, mais 5% em 1998 e ainda mais 7% em 1999, decresce 4% em 2000 e em 2001 volta a crescer em 3 pontos percentuais, mas em 2002 sobe 5% e 1% em 2003 e 2004). Este reforço da posição pessimista tem origem no "*grupo pessimista*" de partida (1996) e com a participação daqueles que assumiam uma atitude expectante: cerca de 46.6%, 47.8% e 50% em 1997, 1998 e 1999, decresce em 2000 para 38.2%, sobe nos anos seguintes para 76.8%, 78.4%, 82.0% e 80.8%; Também o "*grupo optimista*" de 1996 cedeu para o pessimista cerca de 34.9% e 39.3% dos seus efectivos em 1997 e 1998, em 1999 volta a crescer para 55.6%, e para 61.5% e 60.0% em 2000 e 2001, decresce em 2002 e 2003 para 42.9% e 33.3% mas volta a subir em 2004 cerca de 70%.

O sentido inverso foi observado dentro dos posicionamentos optimistas, que começam com 19% e em 2004 apresentam apenas 4%, com o ano de 2002 a apresentar 3%, o valor mais baixo, mostrando no conjunto uma quebra de 16 pontos percentuais. Dos valores optimistas observados inicialmente, como base de partida, decresceram de uma forma não contínua. Dos optimistas em 1996 mudaram de opinião 7% dos inquiridos em 1997, cerca de 4% e 2% em 1998 e 1999, aumenta 1% em 2000, volta a diminuir em 1% e em 3% em 2001 e 2002, cresce 1% em 2003, mantendo o mesmo valor em 2004. No entanto, é de salientar que, em termos relativos, é o grupo pessimista que maiores efectivos cede ao grupo optimista, com 5.2% dos seus efectivos em 1997, 4.6% em 1998 e 3.5% em 1999, 5.7% em 2000, 2.7% em 2001, 2.6% em 2002, 4.2% em 2003 e 3.0% em 2004. A participação do "*grupo expectante*" ronda, ainda em termos relativos, 5.9%, 9.0%, 6.1%, 9.1%, 12.7%, 1.8%, 3.8% e 4.3% dos seus efectivos nos respectivos anos.

3. Expectativas para 2004-2006

3.1. Intenções de curto prazo para a modificação da empresa

Quanto à intenção de modificação do sistema de produção em 2004, nas respostas obtidas para as opções de *diminuição*, *aumento* e *manutenção* do actual sistema de produção, foram apurados os valores de 4.1, 11.2 e 84.7 % dos inquiridos (em 2003 foi de 3.5, 11.6 e 84.9 % respectivamente), onde se observa uma manutenção das situações activas.

Continua pois a reforçar-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo, para a generalidade das regiões agrárias e classe etária do dirigente da exploração, dos sistemas produtivos e classes de dimensão económica e de nível de rendibilidade.

As intenções de modificação dos sistemas diferem com a classe etária dos empresários. O grupo com idade igual ou menos de 50 anos apresenta uma forte participação no total que pretende desenvolver o sistema de produção, com 64%, o que reflecte a opção de cerca de 39% no escalão mais jovem e 25% no escalão seguinte. Note-se que o grupo etário superior a 60 anos é aquele que contribui bastante para a estratégias de retracção dos sistemas de produção, que apresenta 46% das intenções.

Quadro 3.1.1- Estratégias de curto prazo por Classe Etária

Idade	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 40 ANOS	9	16	20	19	31	39	21	22
40 a <=50 ANOS	44	19	42	32	46	25	43	30
50 a <=60 ANOS	25	19	19	22	12	15	18	21
> 60 ANOS	22	46	19	27	11	21	18	27
Total de Explorações	32	43	775	888	106	117	913	1048

Em termos de dimensão física, as intenções de modificação no sentido da diminuição encontram-se distribuídas pelas duas classes de menor dimensão física, atingindo 74%. O aumento é mais característico dos empresários que trabalham em dimensões superiores a 5ha com 87% e com mais de 20 ha que apresentam 51%.

Quadro 3.1.2 - Estratégias de curto prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

Dimensão Física	Diminuição		S/ Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 5 ha	34	35	24	25	14	13	24	24
5 a <=20 ha	41	39	35	39	40	36	36	39
20 a <=50 ha	16	14	21	19	24	25	21	19
> 50 ha	9	12	20	17	22	26	19	18
Total de Explorações	32	43	775	888	106	117	913	1048

De um ano para o outro, nota-se que a classe de mais de 50 ha apresenta situações activas mais diferenciadas: a diminuição cresce 3% e o aumento 4%.

Quando se aborda a alteração dos sistemas, pela sua orientação produtiva, verifica-se que a diminuição é mais pretendida pelos produtores de Bovinicultura e Agro-Pecuária que agregam cerca de 56%. O aumento do sistema de produção é também mais indicado pelos que produzem Bovinos e Culturas Permanentes. Estas duas orientações participam com 59 % no aumento e 53% na manutenção dos sistemas de produção sem qualquer alteração.

Quadro 3.1.3 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Orientação Produtiva (OTE)

Orientação Produtiva	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Culturas Arvenses	6	12	11	8	8	10	10	9
Horticultura	25	9	8	9	11	8	9	9
Cult. Permanentes	22	12	25	25	30	25	25	24
Bovinos	16	37	27	28	28	34	26	29
Ovinos	3	5	7	7	4	5	7	7
Policultura	6	7	11	12	7	6	11	11
Agro-pecuária	19	19	10	10	11	9	11	10
Pecuária sem terra	3	0	1	1	1	3	1	1
Total de Explorações	32	43	775	888	106	117	913	1048

Nos dois anos em causa, a opção pela diminuição é particularmente sentida em Culturas Arvenses e a orientação pela Agro-Pecuária mantem os seus valores. A orientação para Bovinos aumenta os seus valores nas duas situações de modificação.

Relativamente à Dimensão Económica da actividade das empresas, verifica-se que as classes com dimensão superior a 16 UDE são as mais susceptíveis de modificação do sistema, principalmente com mais de 40 UDE no sentido do aumento. A diminuição,

por seu lado aparece distribuída por todas as classes, mas é a dimensão de 16 a 40 UDE que mais contribui para esta tendência.

Quadro 3.1.4 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<4 UDE	12	14	10	15	6	4	10	14
4 a <8 UDE	19	19	17	16	12	14	17	16
8 a < 16 UDE	19	26	32	27	23	23	30	26
16 a < 40 UDE	38	33	30	31	36	35	31	31
>= 40 UDE	12	9	11	12	23	24	12	14
Total de Explorações	32	43	775	888	106	117	913	1048

Ao compararmos os dois anos, a diminuição acentua-se nas classes de 8 a 16 UDE, e o aumento é praticamente semelhante ao ano anterior.

As intenções de modificação distinguem-se igualmente quando se consideram os diversos níveis de Rendibilidade das empresas, verificando-se uma tendência para a retracção na classe de maior nível de Rendibilidade.

Quadro 3.1.5- Estratégias de Curto Prazo por Nível de Rendibilidade

Nível De Rendibilidade	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
< = 0.5	34	5	37	7	29	7	36	7
0.5 a <=0.9	50	16	41	23	35	24	41	23
>0.9	16	79	22	70	36	69	23	71
Total de Explorações	32	43	775	888	106	117	913	1048

A estratégia da diminuição recebe contributo com intensidade da região de Entre Douro e Minho e para o movimento de aumento contribui com maior expressão Trás os Montes e Alentejo.

Quadro 3.1.6 - Estratégias de Curto Prazo por Região Agrária

Região Agrária	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
E. Douro Minho	35	33	18	17	17	15	19	17
Trás-os-Montes	0	14	20	17	24	24	20	17
Beira Litoral	0	9	0	8	0	11	0	9
Beira Interior	0	5	2	3	0	1	2	3
Ribatejo e Oeste	31	9	16	13	17	8	16	13
Alentejo	6	14	21	15	19	29	20	17
Algarve	19	5	4	5	9	7	5	5
R. A. da Madeira	0	0	5	6	5	0	5	5

R. A. Açores	9	12	14	16	9	6	13	15
Total de Explorações	32	43	775	888	106	117	913	1048

De um ano para o outro, o Entre Douro e Minho contribuiu com valores semelhantes nos dois sentidos assim como Trás os Montes para o aumento. O Alentejo manifesta um aumento significativo de optimismo.

3.2. O sentido das estratégias de médio prazo

O sentido imprimido a médio prazo à exploração agrícola foi retratado através de três opções principais, designadamente a *manutenção*, a *expansão* e a *retracção* dos sistemas de produção, tendo cada uma delas atingido 81.1%, 9.9% e 9.0% dos inquiridos respectivamente, e apresentaram valores não muito semelhantes ao ano anterior, cerca de 75.6%, 15.0% e 9.4%, sendo a retracção a excepção.

Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões trabalhadas. Face às expectativas a curto prazo, verifica-se um deslocamento em menos de cerca de 4 pontos percentuais de tendência de manutenção para a expectativa, de retracção de actividade (+5%) e para a expansão (-1%).

Considerando a decomposição das estratégias identificadas por Classe Etária (Quadro 3.2.1), verifica-se que a retracção é uma opção para a qual muito contribuem os empresários com mais de 50 anos, que participam em 65% dessa estratégia. Por outro lado, o grupo formado pelos empresários com idade menor ou igual a 50 anos, pretende, a médio prazo, concretizar uma estratégia de aumento sensível do actual sistema de produção, actuando com 63% do total.

Quadro 3.2.1- Estratégias de médio prazo por Classe Etária

Idade	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 40 ANOS	14	13	20	21	30	34	21	22
40 a <=50 ANOS	30	22	44	32	46	29	43	30
50 a <=60 ANOS	26	25	19	21	12	19	18	21
> 60 ANOS	30	40	17	26	12	18	18	27

Total de Explorações	86	94	690	850	137	104	913	1048
-----------------------------	-----------	-----------	------------	------------	------------	------------	------------	-------------

Os apuramentos por classe de SAU indicam que a expansão, distribui-se mais nas classes com mais de 5 ha de SAU e a retracção é quase uniforme nas diversas classes.

Quadro 3.2.2 - Estratégias de médio prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

Dimensão Física	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 5 ha	35	25	25	26	10	13	24	24
5 a <=20 ha	33	39	36	39	41	36	36	39
20 a <=50 ha	17	20	20	18	26	26	21	19
> 50 ha	15	16	19	17	23	26	19	18
Total de Explorações	86	94	690	850	137	104	913	1048

Por tendência, a relação entre os dois anos mostra uma diminuição da retracção na classe de menor dimensão física, enquanto que a expansão é mais pretendida pela classe mais pequena e pela maior, apesar de ligeiro.

Relativamente às orientações produtivas, os dados trabalhados sugerem-nos que cerca de 56% de retracção é proveniente das classes orientadas para os Bovinos, Policultura e Agro-Pecuária, como também cerca de 56% das opções de expansão são devidas às Culturas Permanentes e Bovinos.

Quadro 3.2.3- Estratégia de Médio Prazo por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Culturas Arvenses	19	11	10	8	7	11	10	9
Horticultura	19	10	8	9	8	6	9	9
Cult. Permanentes	19	16	24	25	38	30	25	24
Bovinos	13	28	28	30	27	26	26	29
Ovinos	8	9	7	6	3	8	7	7
Policultura	6	15	12	11	7	12	11	11
Agro-pecuária	15	13	10	10	10	7	11	10
Pecuária sem terra	1	0	1	1	0	2	1	1
Total de Explorações	86	94	690	850	137	104	913	1048

De um ano para o outro verifica-se um aumento de retracção devido às explorações de Bovinos e Policultura. Na expansão o aumento fica concentrado nas empresas orientadas para Culturas Arvenses e também Policultura.

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se um contributo de todas as classes até 16 UDE, 68%, para a retracção. O valor da expansão é superior nas duas classes maiores, com 58%.

Quadro 3.2.4 - Estratégias de Médio Prazo por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<4 UDE	14	17	11	15	2	6	10	14
4 a <8 UDE	23	21	17	15	12	14	17	16
8 a < 16 UDE	35	30	29	26	28	22	30	26
16 a < 40 UDE	22	29	30	31	41	35	31	31
>= 40 UDE	6	3	13	14	17	23	12	14
Total de Explorações	86	94	690	850	137	104	913	1048

Quando se relaciona os dois últimos anos observa-se um aumento da retracção na classe de 16 a 40 UDE, principalmente, e na classe mais de 40 UDE no sentido da expansão.

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que, tal como no curto prazo, as empresas de classe de alta rendibilidade possuem maior apetência para a expansão dos sistemas produtivos do que as que obtiveram resultados económicos de nível inferior e cuja tendência é mais de retracção (Figura 3).

Quadro 3.2.5 - Estratégias de Médio Prazo por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 0.5	41	9	37	7	27	5	36	7
0.5 a <=0.9	42	26	41	23	40	21	41	23
>0.9	17	66	22	71	33	74	23	71
Total de Explorações	86	94	690	850	137	104	913	1048

Nas regiões agrárias, a retracção concentra-se em Entre Douro e Minho, Trás os Montes e Ribatejo e Oeste, mas aquelas duas também apresentam valores elevados para a expansão, em conjunto com Alentejo.

Quadro 3.2.6 - Estratégias de Médio Prazo por Região Agrária

Região Agrária	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
E. Douro Minho	24	22	19	16	15	19	19	17
Trás-os-Montes	8	20	20	15	24	36	20	17
Beira Litoral	0	9	0	9	0	4	0	9
Beira Interior	0	4	2	3	2	2	2	3
Ribatejo e Oeste	27	15	15	13	15	9	16	13
Alentejo	22	13	19	16	24	22	20	17
Algarve	13	6	4	5	7	6	5	5
R. A. da Madeira	0	0	6	7	2	0	5	5
R.A. Açores	6	11	15	16	11	3	13	15
Total de Explorações	86	94	690	850	137	104	913	1048

Comparando os dois anos, a retracção eleva-se em Trás os Montes como também a expansão, assim como na região de Entre Douro e Minho.

Os resultados obtidos relativamente às estratégias de médio prazo podem ser confrontadas com as intenções de curto prazo atrás referidas. A relação estabelecida entre as respostas a estas duas questões foi efectuada relacionando o número de inquiridos que manifestaram o mesmo tipo de intenção activa para as suas empresas a médio e curto prazo.

A médio prazo prevê-se uma retracção maior do que a presente, mas numa relação de cerca de 2.2 empresas a médio prazo para uma empresa a curto prazo. No que se refere à expansão, a relação médio/curto prazo, não ultrapassa o valor da unidade (0.9), havendo assim menor desejo de expansão a médio prazo do que a curto prazo (Fig. 4).

3.3. A obtenção de rendimentos não agrícolas

Auscultou-se a intenção de obter novas fontes de rendimentos (não agrícolas) ou de reforçar as já existentes, diferenciando-se os rendimentos obtidos de forma exterior à empresa dos que nela são realizados.

Cerca de 81.8% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. Por outro lado, 15.7% dos produtores contactados pretendem recorrer a fontes externas à exploração e apenas 2.5% admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa, percentagens relativamente semelhantes às do ano anterior com 81.2%, 16.4% e 2.4% respectivamente.

A procura de rendimentos complementares por classe etária indica que as opções externas na empresa é mais participada pelo grupo com idade menor ou igual a 50 anos, atingindo cerca de 64% dos entrevistados, como também os rendimentos oriundos exclusivamente ou principalmente da exploração, com 69% do grupo.

Quadro 3.3.1 - Rendimentos Complementares por Classe Etária

Idade	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 40 ANOS	29	32	19	20	23	19	21	22
40 a <=50 ANOS	52	32	41	30	50	50	43	30
50 a <=60 ANOS	13	18	20	22	18	12	18	21
> 60 ANOS	6	19	20	29	9	19	18	27
Total de Explorações	150	165	741	857	22	26	913	1048

A procura de rendimentos complementares, no exterior, quando analisada por classes de SAU, indica uma maior frequência nesta opção das classes de dimensão pequena/média, classes de menos de 20 ha de SAU, com 69%. Porém, a busca de rendimentos complementares dentro da própria exploração, encontra-se com maior frequência nas três classes maiores, com a classe de 20 a 50 ha a apresentar 42%

Quadro 3.3.2- Rendimentos Complementares por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 5 ha	29	30	23	24	9	4	24	24
5 a <=20 ha	47	39	34	39	41	35	36	39
20 a <=50 ha	13	16	22	19	27	42	21	19
> 50 ha	11	15	21	18	23	19	19	18
Total de Explorações	150	165	741	857	22	26	913	1048

Ao relacionar os dois anos a tendência na procura interna é ainda maior na classe de 20 a 50 ha.

Quando analisadas as intenções de busca de rendimentos complementares por orientação produtiva, verificou-se uma maior frequência desta intenção nos sistemas produtivos de Culturas Permanentes, quer no que diz respeito a rendimentos exteriores à exploração, quer nos rendimentos internos. A classe ligada a Ovinos, está mais direccionada para o rendimento interno e a Policultura e a Agro-Pecuária para o externo.

Quadro 3.3.3- Rendimentos Complementares por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Culturas Arvenses	7	7	11	9	14	8	10	9
Horticultura	12	8	9	9	0	0	9	9
Cult. Permanentes	33	21	23	23	40	39	25	24
Bovinos	19	19	28	32	9	19	26	29
Ovinos	4	8	7	6	14	15	7	7
Policultura	11	14	11	11	9	8	11	11
Agro-pecuária	13	12	10	10	14	12	11	10
Pecuária sem terra	1	1	1	1	0	0	1	1
Total de Explorações	150	165	741	857	22	26	913	1048

A proveniência de rendimentos de dentro da exploração está a ser indicada pela classe ligada a produção de gado como Bovinos, quando se analisa os dois anos de referência.

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se uma maior predisposição para o complemento exterior das três classes de menor UDE. A utilização de rendimentos não agrícolas gerados no interior da empresa, surge apenas nas explorações de dimensão superior a 8 UDE, parecendo este valor continuar a constituir limiar de sustentabilidade do rendimento e com grande adesão dos que apresentam a maior dimensão.

Quadro 3.3.4-Rendimentos Complementares por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<4 UDE	16	21	8	13	14	8	10	14
4 a <8 UDE	19	22	17	15	4	4	17	16
8 a < 16 UDE	28	30	30	25	32	35	30	26
16 a < 40 UDE	28	21	32	33	27	39	31	31
>= 40 UDE	9	6	13	15	23	15	12	14
Total de Explorações	150	165	741	82	22	26	913	1048

Quando se relaciona os dois últimos anos o complemento externo aumenta na classe menor e o interno, aumenta nas classes de 8 a 40 UDE.

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que as empresas mais rendíveis possuem maior apetência para a obtenção de rendimentos dentro da exploração e todas as classes estão distribuídas de uma forma relativamente

homogénea na variante de obtenção de rendimentos fora da empresa agrícola com alguma incidência da classe menor (Fig. 5).

Quadro 3.3.5 - Rendimentos Complementares por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 0.5	35	13	36	6	41	0	36	7
0.5 a <=0.9	42	22	40	23	50	23	41	23
>0.9	23	64	24	72	9	77	23	71
Total de Explorações	150	165	741	857	22	26	913	1048

Numa perspectiva global a busca de rendimentos exteriores tem os contributos das regiões de Entre Douro e Minho e Trás os Montes. Essa mesma busca feita dentro da própria exploração é sugerida principalmente por Trás os Montes.

Quadro 3.3.6 - Rendimentos Complementares por Região Agrária

Região Agrária	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
E. Douro Minho	32	28	17	15	0	12	19	17
Trás-os-Montes	19	28	19	15	41	46	20	17
Beira Litoral	0	2	0	10	0	4	0	9
Beira Interior	2	6	2	2	9	15	2	3
Ribatejo e Oeste	21	11	16	13	14	4	16	13
Alentejo	11	14	22	17	18	15	20	17
Algarve	6	4	4	5	18	0	5	5
R. A. da Madeira	3	3	5	6	0	0	5	5
R.A. Açores	6	4	15	17	0	4	13	15
Total de Explorações	150	165	741	857	22	26	913	1048

Comparando os dois anos, e nos dois tipos de complemento, a maior diferença é na região de Trás os Montes.

3.4. A conjuntura agrícola em 2004

A questão foi colocada numa altura em que a campanha agrícola de 2003/2004 decorria sem problemas de maior. Os empresários foram inquiridos nos seguintes termos: “Como considera o ano agrícola de 2004 em relação ao ano de 2003?”. Optou-se por uma pergunta com resposta fechada, prevendo-se as opções “pior”, “igual” e “melhor”. Globalmente, foram apurados os valores de 46.8%, 45.3% e 7.9% respectivamente (no ano anterior foram apurados os valores de 53.1%, 40.1% e 6.8%), o que denota, uma

diminuição da tendência já bastante pessimista para a generalidade dos produtores inquiridos.

A tendência a piorar é assinalada por todos os grupos etários, e a melhorar, distribui-se mais pela classe mais jovem.

Quadro 3.4.1 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Classe Etária

Idade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 40 ANOS	19	19	23	22	26	39	21	22
40 a <=50 ANOS	42	28	43	34	47	25	43	30
50 a <=60 ANOS	19	22	19	22	11	12	18	21
> 60 ANOS	20	31	15	23	16	24	18	27
Total de Explorações	485	490	366	475	62	83	913	1048

Em relação às classes de SAU, o pessimismo e a manutenção de expectativas são encontrados em todas as classes, e o optimismo na classes de maior dimensão física.

Quadro 3.4.2- O ano decorrente relativamente ao anterior, por Classe de SAU

Dimensão Física	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 5 ha	24	26	24	23	16	22	24	24
5 a <=20 ha	37	42	35	37	35	25	36	39
20 a <=50 ha	20	17	22	22	23	18	21	19
> 50 ha	19	15	19	18	26	35	19	18
Total de Explorações	485	490	366	475	62	83	1913	1048

Em relação aos anos considerados, o optimismo cresceu de uma forma acentuada nas classes de área extremas: a menor e a maior.

Na decomposição da amostra por Orientação Produtiva verifica-se que, para a situação do ano de 2004 ser pior do que 2003, a classe orientada para os Bovinos, em conjunto com a orientada para Culturas Permanentes, participam com 51% nessa penalização mas com 55% para uma melhoria, à data do inquérito (Fig. 6).

Quadro 3.4.3 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Culturas Arvenses	13	9	8	9	8	6	10	9
Horticultura	9	8	10	10	7	6	9	9
Cult. Permanentes	22	24	28	26	37	19	25	24
Bovinos	27	27	26	31	25	36	26	29
Ovinos	7	7	6	7	5	7	7	7
Policultura	10	12	11	9	11	13	11	11
Agro-pecuária	11	12	10	8	7	10	11	10
Pecuária sem terra	1	1	1	0	0	2	1	1
Total de Explorações	485	490	366	475	62	83	913	1048

A relação entre os dois tempos mostram um acréscimo acentuado do optimismo nos Bovinos.

Dentro das classes de Dimensão Económica, o ano de 2004 é considerado relativamente pior mas também melhor, sendo o saldo positivo para este, nas classes entre 8 e 40 UDE, e também pela classe de maior dimensão.

Quadro 3.4.4- O ano decorrente relativamente ao anterior, por Dimensão Económica

Dimensão Económica	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<4 UDE	11	17	10	12	3	6	10	14
4 a <8 UDE	16	15	19	17	10	15	17	16
8 a < 16 UDE	28	28	31	24	34	31	30	26
16 a < 40 UDE	31	28	28	34	42	31	31	31
>= 40 UDE	14	12	12	14	11	17	12	14
Total de Explorações	485	490	366	475	62	83	913	1048

Ao relacionar cada ano, observa-se um maior fluxo de optimismo na classe de dimensão económica de 4 a 8 e superior a 40 UDE.

Relativamente aos níveis de Rendibilidade das empresas e por comparação do ano agrícola de 2004 com o ano de 2003, o pessimismo situa-se em todos os níveis e o optimismo concentra-se no mais elevado.

Quadro 3.4.5- O ano decorrente relativamente ao anterior, por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 0.5	34	7	38	7	34	7	36	7
0.5 a <=0.9	39	24	43	24	45	13	41	23
>0.9	27	70	19	70	21	80	23	71
Total de Explorações	485	490	366	475	62	83	913	1048

Relativamente às regiões agrárias, o pessimismo e o optimismo encontram-se distribuídos com alguma incidência, para a primeira situação, em Entre Douro e Minho e no Ribatejo e Oeste e para a segunda opção Trás os Montes, o Alentejo e Beira Litoral.

Quadro 3.4.6 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Região Agrária

Região Agrária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
E. Douro Minho	22	18	17	17	7	15	19	17
Trás-os-Montes	13	16	27	18	24	24	20	17
Beira Litoral	0	11	0	5	0	13	0	9
Beira Interior	2	3	2	3	0	4	2	3
Ribatejo e Oeste	21	16	11	11	13	4	16	13
Alentejo	20	15	19	17	27	22	20	17
Algarve	4	4	7	7	5	2	5	5
R. A. da Madeira	4	4	6	5	8	8	5	5
R.A. Açores	14	14	11	16	16	8	13	15
Total de Explorações	485	490	366	475	6	83	913	1048

Na comparação dos anos, o optimismo é transmitido por regiões como Entre Douro e Minho principalmente, e algum pessimismo através de Trás os Montes.

3.5. Perspectivas de médio prazo para a situação profissional na agricultura

Quando questionados sobre a perspectiva da vida profissional nos próximos 2/3 anos, através das opções de resposta de “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”, 61.5% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 27.4% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 11.1% encararam com maior optimismo o seu enquadramento profissional futuro.

Por outras palavras, estes resultados, quando comparados com os da questão anterior, denotam um desagravamento da perspectiva pessimista já referida para o corrente ano. No ano anterior, para esta questão foram observados os valores semelhantes, de 64.8% e 7.4% para pior e melhor e o mesmo valor de 27.7% para a manutenção.

Relativamente aos grupos etários considerados, verifica-se que níveis de resposta optimista se encontram com maior frequência na classe mais jovem, com cerca de 39%. O pessimismo está instalado em todas as classes.

Quadro 3.5.1 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe Etária

Idade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 40 ANOS	19	18	22	23	40	39	21	22
40 a <=50 ANOS	42	32	44	31	38	22	43	30
50 a <=60 ANOS	20	21	17	23	9	16	18	21
> 60 ANOS	19	29	17	23	13	23	18	27
Total de Explorações	592	645	253	287	68	116	913	

Nas diversas classes de SAU verificou-se que o pessimismo se encontra mais nas duas classes de dimensão física até 20 ha, enquanto que o optimismo se encontra com maior frequência nas classes de mais de 20 ha.

Quadro 3.5.2 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 5 ha	22	26	29	24	16	18	24	24
5 a <=20 ha	38	42	34	36	27	27	36	39
20 a <=50 ha	19	17	22	22	30	24	21	19
> 50 ha	21	16	15	18	27	31	19	18
Total de Explorações	592	645	253	287	68	116	913	1048

Nos dois anos o pessimismo aumenta nas duas classes mais pequenas e o optimismo aumenta nas duas classes de dimensão extrema.

As perspectivas profissionais de médio prazo diferem sensivelmente quando se consideram as diferentes orientações produtivas. As explorações de Bovinos são aquelas onde se verificam perspectivas tanto pessimistas como optimistas, mas neste caso, consegue integrar 43% de agricultores para a condição de que vai ser melhor o futuro. De salientar que a perspectiva negativa abrange quase todo o tipo de empresa, com incidência nas Culturas Permanentes e Bovinos que agrega 50%.

Quadro 3.5.3- O Futuro da Profissão de Agricultor, por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Culturas Arvenses	14	10	4	6	3	7	10	9
Horticultura	8	9	12	11	6	4	9	9
Cult. Permanentes	23	24	32	28	21	16	25	24
Bovinos	24	26	28	32	45	43	26	29
Ovinos	7	6	7	6	4	9	7	7
Policultura	12	11	8	11	7	11	11	11
Agro-pecuária	11	12	8	6	12	8	11	10
Pecuária sem terra	1	1	1	0	2	2	1	1
Total de Explorações	592	645	253	287	68	116	913	1048

A tendência pessimista agravou-se ligeiramente em todos os sistemas e o optimismo aumentou na Ovinicultura, Policultura e Culturas Arvenses.

A decomposição das respostas por classe de Dimensão Económica da actividade das empresas mostra que o pessimismo está presente em todas as classes de UDE e o maior optimismo se situa nas classes com dimensão superior a 8 UDE (Fig. 7).

Quadro 3.5.4 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe de Dimensão Económica

Dimensão Económica	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<4 UDE	11	16	9	9	5	10	10	14
4 a <8 UDE	16	16	20	16	13	12	17	16
8 a < 16 UDE	30	25	29	26	32	33	30	26
16 a < 40 UDE	30	29	30	36	34	31	31	31
>= 40 UDE	13	14	12	13	16	14	12	14
Total de Explorações	592	645	253	287	68	116	913	1048

Relativamente às perspectivas dos empresários contidos em cada um dos níveis de rendibilidade considerados neste estudo, verifica-se que a distribuição das respostas, para a atitude pessimista se encontra em todos os níveis de rendibilidade, e verifica-se o maior grau de optimismo na classe de maior rendibilidade.

Quadro 3.5.5 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 0.5	38	7	31	6	40	8	36	7
0.5 a <=0.9	39	25	46	22	38	14	41	23
>0.9	23	68	23	72	22	78	23	71
Total de Explorações	592	645	253	287	68	116	913	1048

Os resultados mais pessimistas estão distribuídos por todas as regiões, a preverem uma degradação da profissão a médio prazo, com alguma incidência de Entre Douro e Minho. Nas regiões de Trás os Montes, Beira Litoral e Alentejo concentra-se a maior satisfação no futuro (58%).

Quadro 3.5.6 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Região Agrária

Região Agrária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
E. Douro Minho	20	21	19	12	9	12	19	17
Trás-os-Montes	18	17	24	19	19	18	20	17
Beira Litoral	0	9	0	4	0	20	0	9
Beira Interior	2	3	2	4	0	3	2	3
Ribatejo e Oeste	19	14	10	11	16	6	16	13
Alentejo	23	18	15	12	16	20	20	17
Algarve	3	2	10	12	5	3	5	5
R. A. da Madeira	4	6	7	5	7	4	5	5
R.A. Açores	11	12	13	21	28	15	13	15
Total de Explorações	592	645	253	287	68	116	913	1048

A tendência mostra que o pessimismo continua sensivelmente igual em todas as regiões e o optimismo aumentou mais no Alentejo e Entre Douro e Minho.

Quando se relaciona a perspectiva da vida profissional nos próximos 2 a 3 anos, com a situação presente, quer na atitude pessimista, quer na atitude optimista, os resultados denotam um certo agravamento da perspectiva pessimista.

O pessimismo agrava em todos os tipos de empresários, apresentando uma relação de 1.3 empresários pessimistas a médio prazo, para um actualmente, que consideram o momento actual menos grave que o futuro (Fig. 8).

O optimismo, apesar de ser bastante escasso, mostra que há mais que um empresário (1.4) optimista a médio prazo para um a curto prazo.

3.6. Principais dificuldades sentidas pelo agricultor

Pretendeu-se averiguar quais as principais dificuldades sentidas pelos empresários inquiridos, admitindo-se apenas referência à dificuldade a que é atribuída, pelo próprio,

maior importância. Tratando-se de uma pergunta aberta, após análise e classificação do conjunto de respostas, constituíram-se cinco grandes grupos de dificuldades:

- Sócio-Políticas (Apoio em Geral e técnico, Política Adequada, Burocracias e Idade Avançada),
- Agro-Climáticas (Falta de Água, Problemas Climatéricos, Problemas com mecanização, Produções baixas, Solos Pobres, Sanidade e Alimentação Animal e Sanidade Vegetal),
- Economia da Empresa (Falta e Problemas com Crédito, Apoios financeiros, Caminhos rurais, Electricidade e Aquisição de terras),
- Enquadramento Económico Global (Escoamento de Produtos, Concorrência dos Mercados, Juros Altos, Custo de Factores de Produção, Rendimentos e Margens Baixas, Preços Baixos, Atrasos de Pagamentos, Garantias de preço e Investimento) e
- Dificuldades Internas da Estrutura da Empresa (Dimensão e Dispersão das Parcelas, Arrendamento de Terras, Falta e Custo de mão de obra).

Genericamente, as dificuldades associadas ao Enquadramento Económico Global da actividade das empresas foram as mais referenciadas (58% das respostas); em segundo lugar, foram referidos os Bloqueamentos Estruturais das empresas, em 20% das respostas. Por ordem decrescente de importância, surgiram a Situação Socio-política, os factores Agro-climáticos e finalmente, a Situação Económica da Empresa, com 12%, 7% e 4% das respostas, respectivamente. De salientar que apenas cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.

A decomposição das dificuldades sentidas por classe etária denota uma tendência para a referência do Enquadramento Económico, Situação Agro-Climática e a Economia da Empresa pelas classes com menos de 50 anos; o Sócio Político pela classe de mais de 60 anos e a da Estrutura da Empresa pelas todas as classes de idade.

Quadro 3.6.1- Principais Dificuldades por Classe Etária

Idade	Sócio- Político		Agro-climático		Economia Empresa		Quadro Económico		Estrutura Empresa		Total	
	%		%		%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 40 ANOS	16	20	21	21	29	34	22	20	19	24	21	22
40 a <=50 ANOS	28	22	29	36	36	39	26	32	29	28	42	30
50 a <=60 ANOS	21	17	26	16	26	14	27	23	22	20	18	21
> 60 ANOS	35	41	24	27	9	13	25	25	30	28	18	27
Total de Explorações	87	124	78	70	56	41	516	599	164	195	901⁽¹⁾	1028⁽²⁾

⁽¹⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2003

⁽²⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2004

As dificuldades referidas pelos empresários, quando desagregadas por classes de SAU, mostram-nos que nas duas classes de menor dimensão física há maior incidência das condições Sócio-Políticas assim como de Enquadramento e Estrutura. As dificuldades que resultam de limitações provocadas pelas condições Agro-climáticas afectam principalmente as empresas com mais de 20 ha de SAU. O factor Economia da Empresa é também mais insistentemente referido pelas três classes de mais de 5 ha de SAU.

Quadro 3.6.2- Principais Dificuldades por Classe de Área

Dimensão Física	Sócio-Político		Agro-climático		Economia Empresa		Quadro Económico		Estrutura Empresa		Total	
	%		%		%		%		%		%	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004	2003	2004
<= 5 ha	36	24	16	17	12	12	22	25	29	27	23	25
5 a <=20 ha	27	36	26	26	37	37	41	41	24	28	36	39
20 a <=50 ha	16	15	33	27	22	22	18	18	28	23	20	19
> 50 ha	21	25	26	30	22	22	17	17	18	22	19	18
Total de Explorações	87	124	78	70	56	41	516	599	164	195	901⁽¹⁾	1028⁽²⁾

⁽¹⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2003

⁽²⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2004

Para as empresas orientadas para Culturas Permanentes e Bovinos, o conjunto de questões de natureza Socio-política, do Quadro Económico e da Estrutura da Empresa são referidos com alguma insistência. As dificuldades de natureza Agro-Climática e os aspectos associados à Economia da Empresa possuem expressão considerável nas explorações das empresas orientadas para actividades de agro-pecuária (Fig. 9).

Relativamente à Dimensão Económica das empresas, apenas existem ligeiras variações na importância dada aos aspectos ligados as dificuldades de natureza Agro-Climática, sendo mais nas classes de 8 a 40 UDE. As dificuldades resultantes da Estrutura, encontram-se mais distribuídas pelas classes de 4 a 40 UDE.

Atendendo ao Nível de Rendibilidade das empresas, verificam-se ligeiras diferenças entre as classes consideradas. A classe das empresas consideradas pouco rendíveis referem todas as dificuldades de uma forma quase uniforme. A classe intermédia distribuí-se pelas várias situações, com maior incidência no Quadro Economico, situação essa a menos referenciada pelo grupo de maior rendibilidade.

Por especificidade das regiões, o Enquadramento Sócio-Político é citado com maior intensidade nas regiões de Entre Douro e Minho e Alentejo. As condições Climatéricas são especial preocupação de regiões como os Açores e Alentejo. Quanto à Economia das Empresas é assinalado de uma forma concentrada pelo Alentejo e Açores e a Economia Global com a maior insistência no Ribatejo e Oeste e Algarve, relativamente. Finalmente o carácter estrutural é evidenciado pelas regiões de Trás os Montes, com particular expressão.

Conclusões

A informação trabalhada tem origem num painel de 1048 produtores, que foram inquiridos nas regiões agrárias de Portugal, tirando especial partido das disponibilidades para colaborar e interesse pela avaliação da conjuntura interna e externa nas explorações agrícolas dos empresários colaborantes.

Os inquiridos manifestam pessimismo quanto ao momento actual, pressentindo um agravamento das condições profissionais no futuro próximo. Contudo, cerca de 11% dos empresários pretendem continuar a desenvolver as suas explorações, prevendo assim um futuro mais optimista.

Quanto à intenção de modificação sensível em 2004, foram apurados os valores de 4.1%, 11.2% e 84.7% dos inquiridos, respectivamente para a diminuição, o aumento e a manutenção do actual sistema de produção. Verifica-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo para a generalidade dos sistemas produtivos; contudo, foram encontradas diferenças significativas no peso relativo das atitudes activas, seja no sentido da retracção, seja no da expansão dos actuais sistemas produtivos. As intenções de modificação dos sistemas a curto e médio prazo diferem com a classe etária dos empresários (aumento para os mais jovens e alguma diminuição para os mais idosos), com a dimensão física e económica (diminuição nas pequenas dimensões e algum aumento para as maiores) e com o nível de rendibilidade (diminuição na classe alta), com a orientação técnica (em aumentos e diminuições de classes especializadas em Bovinos, mais aumentos nas Culturas Permanentes e diminuições consideráveis na Agro-Pecuária) e com a região (aumentos em Trás os Montes e Alentejo e diminuições em Entre Douro e Minho).

As estratégias de médio prazo identificadas, retratadas através de três opções principais (manutenção, expansão e retracção), atingiram valores de 81.1%, 9.9% e 9.0%, respectivamente. Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões. Verifica-se uma certa coerência entre as posições face às opções de curto prazo, em cada grupo de empresários formados a partir dos critérios de decomposição do painel.

Cerca de 81.8% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. Por outro lado, 15.7% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 2.5% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa. Relativamente aos sistemas diversificados, principalmente as Culturas Permanentes, mostram o sentido de obtenção de rendimentos não agrícolas no interior e exterior da empresa respectivamente como também a região de Trás os Montes. A procura de rendimentos não agrícolas exterior à empresa constitui uma opção, sobretudo, para os empresários com menos de 50 anos, responsáveis por empresas de todos os níveis de rentabilidade, de área agrícola com pequena a média dimensão física, de três classes de menor dimensão económica e em regiões como Entre Douro e Minho, enquanto que é feita internamente, pelas empresas com áreas maiores (20-50 ha), dimensão superior a 8 UDE, rentabilidades média a alta, orientados mais para Bovinos e Ovinos e situados principalmente em Beira Interior.

Na opinião dos inquiridos, a expectativa relativa ao ano de 2004 assemelha-se à do ano de 2003, com ligeiro desagravamento das tendências pessimistas: as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*” agregaram 46.8%, 45.3% e 7.9% dos produtores inquiridos, respectivamente. O optimismo verifica-se com mais incidência nos grupos etários jovens, com maior dimensão física (SAU, com mais de 50 ha) e económica (8 a 40 UDE), com rentabilidade alta e orientadas para actividades como Bovinos e também Culturas Permanentes e principalmente em Trás os Montes, Alentejo e Beira Litoral.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 61.5% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 27.4% consideraram que o quadro geral irá manter-se e apenas 11.1% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro. Ou seja, quando comparados estes resultados com os da questão anterior, denota-se um certo desagravamento da tendência pessimista já referida para o corrente ano. Em todas as regiões predominam as atitudes pessimistas e há uma distribuição quase uniforme do pessimismo pelas várias dimensões físicas das empresas e em todas as classes etárias e

especializadas como também ao nível de rendibilidade das explorações agrícolas e com a dimensão económica.

As dificuldades no Enquadramento Económico Global foram claramente as mais referenciadas (58% das respostas) pelos inquiridos; nesta categoria de dificuldades sobressaíram, como principais dificuldades, o escoamento da produção, os custos dos factores e o nível de rendimento. Em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (em 20% das respostas); a Situação Socio-política, os Factores Agro-climáticos e a Situação Económica da Empresa atingiram apenas 12%, 7% e 4% das respostas, respectivamente. Apenas 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.